

A violência do povo brasileiro*

*Neide Coelho Boëchat***

Passados os tumultos e as emoções vividos durante a Copa do Mundo, creio ser pertinente colocar em questão um entre os vários transtornos ocorridos naquela ocasião, a saber, o desconforto trazido pelos escandalosos movimentos promovidos por alguns paulistanos aos moradores do bairro de Vila Madalena. Cada vez que um desses tumultos era divulgado, eu me perguntava incrédula: O que é isso? Como é possível que alguém tenha perdido completamente o respeito à vida privada dos moradores daquela região?

Diante de tudo isso, creio que seria interessante repensarmos sobre os limites que demarcam a esfera pública da esfera privada. É bem verdade que tais limites vieram desde os remotos tempos dos gregos antigos até hoje, passando pelas mais variadas e difíceis transformações. Sabemos que na Grécia antiga, a esfera pública, a *polis*, era o espaço onde cada homem (e não a mulher) se apresentava, mostrando suas aptidões particulares, suas conquistas e seus feitos individuais. Ali ele se mostrava tal como queria ser reconhecido pelos demais, ou seja, como o melhor entre os outros. A esfera política era o espaço reservado ao desvelamento do particular, do individual. A esfera privada, por sua vez, dizia respeito à esfera da família, contudo, nos mostra Hannah Arendt (filósofa alemã, 1906-1975), embora a linha demarcatória entre essas esferas fosse muito difusa, é muito provável que a esfera pública tenha ocorrido a partir da esfera privada da família e do lar, esfera essa reconhecida como sagrada, onde os homens viviam juntos, compelidos por suas necessidades e carências. Essas esferas eram estabelecidas por duas condições humanas básicas: a necessidade (esfera privada) e a liberdade (esfera pública).

Ao longo dos séculos, o estabelecimento dos limites entre essas duas esferas sempre foi conflitivo, mas, grosso modo, a esfera pública sempre se opôs à esfera privada, e o respeito aos

* Palestra proferida durante a Semana de Filosofia de 2014.

** Doutora em Filosofia pela PUC-SP. Coordenadora do Curso de Filosofia do UNIFAI.

limites colocados sempre foi algo a ser observado e mantido. Arendt acentua que “antes da era moderna todas as civilizações tiveram por base o caráter sagrado da esfera privada”.

Não é minha intenção fazer aqui um levantamento da evolução desses espaços construídos pelos homens durante o passar dos séculos. O que pretendo mostrar com este preâmbulo é a necessidade sempre imposta de se manter esses dois espaços distintos bem demarcados dentro de um corpo social estabelecido e provocar a seguinte reflexão: o que anda acontecendo com a nossa sociedade que, de algumas décadas para cá, parece querer destruir essas fronteiras tão fortemente mantidas em nosso processo civilizatório?

Embora já esteja bastante cansativa a repetida necessidade de se colocar sempre a culpa nas redes sociais, não podemos deixar de perceber o papel decisivo desse recurso e das vantagens e desvantagens que ele nos traz. E, neste caso, me parece crucial que seja pensado o uso (ou mau uso) que se faz deste meio de comunicação.

A partir do momento em que tais redes foram criadas, o comportamento humano operou profundas alterações que nos aparecem resultado da distorção de alguns valores fundamentais e, entre estes, sobressai um princípio que subverte o próprio conhecimento. Refiro-me aqui à dualidade: aparência-realidade.

No mundo virtual, a realidade é constituída por imagens que aparecem na tela de um computador. Para o internauta, durante o período em que está ali envolvido por aquela realidade imagética, todo o seu corpo e suas emoções reagem imediatamente às imagens que lhe aparecem e, em tais circunstâncias, aquele mundo torna-se real: o que lhe aparece é o que existe, logo o que não aparece não existe para ele. Para existir é preciso, portanto, aparecer, o que implica ver e ter certeza de que seu corpo apareceu para outro, isto é, foi visto, pois só em face desta certeza sua existência estará garantida. Logo, para existir, há duas alternativas: ou sai da privacidade de sua casa, ou abre o computador e mostra-se para um outro que o identifica como existente. Basta isso e já está aqui rompido o limite entre o lar – uma instituição privada – e o espaço público – esfera comum a todos. Assim como está rompido o mundo real e, confirmado como verdadeiro, o mundo das aparências.

Tudo isso é muito grave, pois nos coloca diante de uma ambiguidade bastante perigosa: um ser que vive sustentado por imagens (irreais) coloca em risco não só a realidade de sua própria existência, mas a existência real de toda uma sociedade, adubando com suas condutas imaginárias o solo mais fecundo, disfarçado e mudo da violência.

É possível que resida nesta ambiguidade a violência que destruiu a paz e a segurança dos moradores da Vila Madalena, mas muito pior ainda é pensar que pode estar vinculada a essas

condutas muitos dos crimes violentos que colocam em risco a vida dos sobreviventes das grandes cidades brasileiras.